

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA

ANA MAÍSA COSTA GOMES

CHRISTIELEM DE MATOS OLIVEIRA

MIQUEIAS TADEU FONSECA REIS JUNIOR

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA NO ÂMBITOS ESCOLAR, FAMILIAR,
SOCIAL E NA SAÚDE MENTAL**

Belo Horizonte
2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA

ANA MAÍSA COSTA GOMES

CHRISTIELEM DE MATOS OLIVEIRA

MIQUEIAS TADEU FONSECA REIS JUNIOR

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA NO ÂMBITOS ESCOLAR, FAMILIAR,
SOCIAL E NA SAÚDE MENTAL**

Artigo apresentado ao Centro
Universitário UNA como requisito
parcial para obtenção do título de
Psicólogo(a).

Orientador: Prof. Dr. Acrísio Luiz
Gonçalves.

Belo Horizonte
2021

Os impactos da pandemia no âmbitos escolar, familiar, social e na saúde mental¹

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender os desafios e impactos da pandemia da covid-19 no âmbito familiar, social, escolar e da saúde mental, a partir de uma revisão bibliográfica narrativa sobre o tema. Os resultados apontaram que a pandemia produziu medidas necessárias, tais como o distanciamento e/ou isolamento social, que acabou levando ao fechamento de comércios, escolas, etc. Tal cenário repercutiu para um agravamento das desigualdades sociais, bem como para um aumento dos níveis de ansiedade, depressão, estresse e medo ligados às dúvidas, incertezas, despreparo da população e ausência de suporte do governo diante de um contexto pandêmico. No âmbito escolar, o ensino passou a ser realizado a distância na modalidade EAD ou de modo remoto, o que acabou por interferir na rotina e dinâmica dos envolvidos. No âmbito familiar, a pandemia tem exigido uma nova maneira de organização, na qual a família tende a passar por um processo de reestruturação, o que acarreta naturalmente em inúmeros desafios. Conclui-se que é preciso continuar explorando o enredo pandêmico, buscando alternativas de saúde pública que possam prevenir e amenizar os efeitos causados na saúde mental.

Palavras-chaves: Pandemia; Covid-19; Isolamento social; Impactos; Saúde mental

Abstract: This study aims to understand the challenges and impacts of the covid-19 pandemic in the family, social, school, and mental health context, based on a narrative literature review on the subject. The results showed that the pandemic ended up producing necessary measures, such as distancing or social isolation, which ended up leading to the closing of shops, schools, etc. This scenario resulted in a worsening of social inequalities, as well as an increase in levels of anxiety, depression, stress, and fear linked to doubts, uncertainties, and unpreparedness of the population, and lack of government support in the face of a pandemic context. In the school environment, teaching started to be carried out at a distance in the distance learning modality or remotely, which ended up interfering in the routine and dynamics of those involved. In the family sphere, the pandemic has required a new way of family organization, in which the family needs to go through a restructuring process, which naturally entails numerous challenges. It is concluded that it is necessary to continue exploring the pandemic scenario, seeking public health alternatives that can prevent and mitigate the effects caused on mental health.

Keywords: Pandemic; Covid-19; Social isolation; Impacts; Mental health

¹ Artigo apresentado ao Centro Universitário UNA como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogas, sob orientação do Prof. Dr. Acrísio Luiz Gonçalves. O artigo está formatado de acordo com as normas *American Psychological Association*, 7ª edição. As normas completas encontram-se disponíveis em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9889/6/NormaAPA7W.pdf> .

1. INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, o Brasil se deparou com uma pandemia mundial da COVID- 19, que acarretou na mudança da vida cotidiana em diferentes esferas; familiar, social e escolar (Fiocruz, 2020). Além disso, a pandemia tem gerado grandes impactos na saúde mental das pessoas (OPAS, 2020).

Para o Ministério da saúde (2020), o Coronavírus é uma grande família de vírus, encontrado em diversos tipos de animais e que raramente podem contaminar os seres humanos. Entretanto, em Dezembro de 2019 houve a transmissão de um novo Coronavírus SARS-CoV-2, conhecido como COVID- 19, que infectou uma pessoa na China. Após o ocorrido, rapidamente este vírus foi se alastrando ao redor do mundo, transmitido de pessoa a pessoa.

No Brasil, o primeiro caso da doença foi notificado em 25 de fevereiro de 2020 (Ministério da Saúde, 2020). De acordo com o Ministério da Saúde (2021), atualmente no Brasil, entre 03 de janeiro até 21 de junho de 2021, ocorreram 17.927.928 casos de Covid-19 confirmados, com 501.825 óbitos.

Para evitar o contágio e a propagação da doença, são indicadas algumas medidas protetivas, entre elas: o uso constante de máscaras em espaços públicos e sociais (como no trabalho, dentro de ônibus, dentro de comércios, praças, academias etc.) e o distanciamento e/ou isolamento social como medida protetiva fundamental. Segundo o Ministério da Saúde, as pessoas deveriam, então, evitar sair de casa, além de evitar qualquer tipo de contato físico com outras pessoas a fim de que não houvesse um aumento exponencial de casos, causando por consequência, um colapso na saúde pública (Ministério da Saúde, 2020). Como um fator de agravamento, mesmo com essas medidas mais restritivas tomadas por parte do governo, os casos de contaminação continuaram a aumentar, tendo como realidade a falta de vagas de UTI em algumas regiões, e uma superlotação em hospitais. O Brasil está vivendo o maior colapso sanitário e hospitalar da história do país (Fiocruz, 2020).

Visando se amparar nos estudos científicos de órgãos de referências que apontaram necessidades de medidas de controle do vírus, atitudes restritivas como o *lockdown*, foram aplicadas em diversos lugares do mundo (Houvèssou et al., 2020). Procurando respeitar essas medidas, diversos países precisaram se adaptar a uma nova realidade. De tal modo, muitas atividades laborais começaram a ser reorganizadas em

home office e o ensino passou a ser realizado a distância na modalidade EAD ou de modo remoto.

A pandemia tem acarretado diversos prejuízos, fechamentos de comércios, aumento do desemprego, que afeta a vida econômica de muitas famílias; tendo, de acordo com IBGE, 13,4 milhões de pessoas na fila por um emprego no país (IBGE,2021). Por esse motivo, percebe-se que o distanciamento social deve vir acompanhado de políticas públicas de auxílio à população mais vulnerável socioeconomicamente.

Além disso, estudos têm sugerido que existem diversos impactos na vida das pessoas em todas as áreas e, principalmente, na saúde mental. A insegurança do desemprego, o medo de contrair o vírus, a preocupação com os entes queridos, o isolamento social, a dificuldade de adaptação do ensino à distância, tudo isso tem causado quadros de ansiedade, depressão e em alguns casos, comportamentos suicidas, como alertou a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS,2020).

No âmbito escolar, o fechamento de escolas afetou a educação de muitas crianças e jovens. Segundo os dados do IBGE (2020) apud Unibanco (2020), no mês de julho do mesmo ano, 8,7 milhões de crianças, adolescentes e jovens não tiveram qualquer acesso a atividades de ensino remota. Os dados revelam que de cada 10 estudantes, apenas 7 executam as atividades remotas. Já durante outubro de 2020, de acordo com a pesquisa Pnad Covid19 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 6 milhões de estudantes de 6 a 29 anos, da educação básica ao ensino superior, não tiveram acesso a atividades escolares. O número representa 13,2% dos alunos matriculados naquele mês (Unibanco,2020).

Por tais motivos, a pandemia tem exigido uma nova maneira de organização familiar, na qual a família precisa passar por um processo de reestruturação, o que acarreta naturalmente em inúmeros desafios.

Diante deste quadro, o objetivo da presente pesquisa seria o de compreender os desafios relacionados ao isolamento físico, identificando como as famílias estão se organizando no âmbito familiar, social, escolar, além de grandes impactos na saúde mental dos membros destas famílias.

2. MÉTODO

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica narrativa. No mês de março de 2021, foram realizadas buscas por artigos no SciELO, Google acadêmico, Pepsic, sites CRP e Ministério da Saúde utilizando as seguintes palavras-chave: “Pandemia/Covid-19” e “vida social”; “Pandemia/Covid-19” e “vida escolar”; “Pandemia/Covid-19” e “família” e “Pandemia/Covid-19” e “saúde mental”. Foram selecionados 26 artigos.

Os artigos foram analisados e incluídos de acordo com a natureza de seu conteúdo, no que diz respeito à proximidade com o tema a ser estudado. Para inclusão de estudo foi levado em consideração os seguintes aspectos: autores, ano, revista de publicação do estudo, objetivos dos artigos, resumo e principais resultados encontrados.

Tabela 1 – Artigos analisados na revisão bibliográfica

Autoria e ano de publicação	Nome do artigo
Valencio (2020)	Por um Triz: ordem social, vida cotidiana e segurança ontológica na crise relacionada à pandemia de COVID-19
Conti (2020)	Destques históricos e metodológicos das medidas de quarentena: de antigas epidemias de peste à atual pandemia de doença por coronavírus (COVID-19)
Malta et al. (2020)	Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilo de vida da população brasileira durante a pandemia COVID-19
Bezerra et al. (2020)	Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19
Bittencourt (2020)	Pandemia, isolamento social e colapso global
Aquino (2020)	Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil
Garrido & Rodrigues (2020)	Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais

Autoria e ano de publicação	Nome do artigo
Morgado et al. (2020)	Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular
Médici et al. (2020)	Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus

Melo (2020)	As Consequências da Pandemia (Covid-19) na rede municipal de ensino: impactos e desafios
Possa et al. (2020)	Iniciativas Comportamentais Para Redução Da Evasão Escolar Dos Jovens De 15 A 29 Anos Em Tempos De Pandemia
Vieira et al. (2020)	Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida
Lins (2021)	Limites e Possibilidades da Aprendizagem de Crianças na Pandemia
Barros & Vieira (2021)	Os desafios da educação no período de pandemia
Mendonça et al. (2020)	A educação na pandemia: sobreviveremos?

Autoria e ano de publicação	Nome do artigo
Schmidt et al. (2020)	Saúde Mental E Intervenções Psicológicas Diante Da Pandemia Do Novo Coronavírus (COVID-19)
Carvalho et al. (2020)	O impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia COVID -19
Ornell et al. (2020)	Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias
Faro et al. (2020)	COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado
Afonso & Figueira (2020)	Pandemia COVID -19: Quais são os Riscos para a Saúde Mental?
Danzmann et al. (2020)	Atuação do psicólogo na saúde mental da população diante da pandemia
Silva et al. (2020)	Efeitos da pandemia do novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades

PANDEMIA E VIDA FAMILIAR	
Autoria e ano de publicação	Nome do artigo
Guedes (2020)	O impacto do COVID-19 em famílias e o excesso como objeto pulsional
Heilborn et al. (2020)	Tensões familiares em tempos de pandemia
Japiassu & Rached (2020)	Como a Estratégia Saúde da Família pode ser considerada uma ferramenta de apoio ao combate ao COVID-19?

Marques (2020)	A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento
----------------	--

Fonte: Autoria própria

3. PANDEMIA E VIDA SOCIAL

3.1 Isolamento social

Valencio (2020) caracteriza a pandemia como um evento de adversidade para a comunidade, que tem ocasionado separações sociais repentinas, elevando os atos de exclusão social e gerando uma mentalidade negativa sobre o futuro. Nesse cenário, o indivíduo se depara com incertezas, com aquelas relacionadas à perda ou à ameaça da perda de parentes, amigos, vizinhos, bens materiais e financeiros.

De acordo com Conti (2020), a quarentena, que pode ser conceituada como restrição da atividade das pessoas ou do tráfico de mercadorias, visando a prevenção da difusão de patologias com altas taxas de transmissibilidade de doenças (como nos caso das epidemias), não é conceito novo na história da humanidade. Ao longo da história, determinações de distanciamento social foram sugeridas como medidas para o controle de outras epidemias, como a da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), da Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS) e para controle do surto de Ebola (Conti, 2020).

Uma vez que o distanciamento social ou isolamento social já foram aderidos em circunstâncias tidas como semelhantes para controle de epidemias, faz-se necessário analisar o nível de aceitação dos brasileiros quanto a tais medidas e seus impactos na suposta aderência, uma vez que as mesmas, carregam consigo uma série de desdobramentos.

Entre os dias 24 de abril a 24 de maio de 2020, foi realizada uma pesquisa que atingiu um número total amostral de 45.161 pessoas. De acordo com os pesquisadores, esta foi a primeira pesquisa realizada com uma amostra de adultos brasileiros durante o início da pandemia de COVID-19. Os dados apontaram que 75% dos entrevistados aderiram ao distanciamento/isolamento social neste período, visto como período mais inicial (março a maio 2020). As saídas eram, portanto, apenas para questões mais pontuais, como em idas ao supermercado e farmácia. Outros 15% dos que estiveram em isolamento mencionaram que já ficaram mais rigorosamente em casa (Malta *et al.*,2020).

A pesquisa constatou que o distanciamento social contribuiu para um impacto negativo na saúde mental e nos estilos de vida dos brasileiros, com aumento do sentimento de ansiedade, isolamento, tristeza ou depressão. O estudo também concluiu que houve aumento do uso de bebidas alcoólicas e tabaco, redução da prática de atividade física e aumento do consumo de alimentos não saudáveis em parte considerável dos respondentes (Malta *et al.*, 2020).

Inegavelmente, o isolamento social como medida de combate tem diversas repercussões, as quais variam de acordo com diferentes contextos, entres estes os de escolaridade e renda. De acordo com uma pesquisa de opinião realizada no Brasil sobre a percepção do isolamento social durante a pandemia de COVID-19, que contou com 16.440 respondentes de diferentes perfis socioeconômicos, constatou-se que o convívio social foi o aspecto mais afetado entre pessoas com maior escolaridade e renda, conforme indicaram 45,8% dos entrevistados. Já para pessoas de baixa renda e escolaridade, problemas financeiros se apresentaram como fatores de maior impacto, conforme relatado por 35% dos entrevistados (Bezerra *et al.*, 2020).

A referente pesquisa permitiu relacionar a percepção da qualidade da habitação (índice coletado na pesquisa) com o tempo que as pessoas estão dispostas a ficar em isolamento. Assim, observou-se algumas disparidades entre os estratos. Os que consideraram sua residência como péssima, 41,9% ficariam menos de 1 mês e 38% o tempo necessário estabelecido pelas autoridades. Já aqueles que consideram a habitação boa ou ótima, 11,53% ficariam menos de 1 mês e 68,8% ficariam o tempo necessário estabelecido pelas autoridades (Bezerra *et al.*, 2020). O estudo demonstra, portanto, que o padrão socioeconômico se mostra como um fator que influencia na escolha de ficar ou não em casa.

Através deste estudo, foi possível verificar também qual foi o impacto do isolamento social na renda/gastos das pessoas. Para 32% das pessoas, o isolamento não está impactando a renda/gastos, já 34% dos respondentes afirmam que estão economizando dinheiro, 13% das pessoas estão gastando mais dinheiro nesse período, enquanto 20% afirmaram que pararam de ganhar dinheiro em função do isolamento social (Bezerra *et al.*, 2020). Os resultados da pesquisa permitiram verificar também que mais de 10% dos respondentes não estavam em isolamento, mas mesmo dentre estes, o percentual dos que acreditam na estratégia de isolamento social é maioria, 75,79% (Bezerra *et al.*, 2020).

Refletindo sobre o aspecto do isolamento social, Bittencourt (2020) reconhece a seriedade do vírus e aponta que é uma irresponsabilidade se Estado e população não tomar decisões apoiadas na ciência. Destaca que as medidas de isolamento social não são uma mera recusa ao social, é uma consciente afirmação de prevalência da sociedade sobre nossa mera individualidade. É como se, por meio de tal atitude, nos posicionássemos politicamente como pessoas que se importam mais com o coletivo do que com a própria individualidade. Evidentemente, ele entende que o isolamento social não é um processo agradável, algo que exige paciência dos que estão sob tal condição.

Bittencourt (2020) acredita que existem pessoas que têm passado maior dificuldade devido às mudanças de atividades e rotina, o que gera um nível considerado de ansiedade, angústia e estresse. De fato, como citado na pesquisa de Malta (2020), existe uma parte considerável de pessoas que, devido ao distanciamento e isolamento social, têm apresentado maiores níveis de angústia, ansiedade e estresse do que outros (Malta *et al.*, 2020). Contudo, Bittencourt também salienta que, para aquelas pessoas “imbuídas com o espírito monástico”, aquelas que têm maior facilidade de estarem em um contexto de isolamento, a reclusão forçada talvez seja encarada de modo mais suave, não tão problemático (Bittencourt, 2020).

Mediante aos acontecimentos do isolamento como medida de combate a COVID-19, existe uma problemática nos danos dessa epidemia em grupos de maior vulnerabilidade social. Bittencourt (2020) destaca que este vírus tem afetado violentamente favelados e pessoas em contexto de rua. Segundo o autor, as condições precárias destes tornam impossível os cuidados sanitários fundamentais. Muitos destes estão desassistidos, mesmo em questões básicas, se expondo constantemente e dormindo ao relento. (Bittencourt, 2020). Vale salientar a importância das medidas de proteção que precisam ser constantemente oferecidas a estes grupos, por parte do Estado, para que possam se ver assistidos em suas peculiaridades.

Norma Valencio (2020) apresenta críticas às orientações de prevenção do COVID-19 que não levam em consideração aqueles que não têm acesso a condições básicas, como saneamento e habitacionais. Além de colocá-los em um posição de culpados por não conseguirem enfrentar a pandemia e não respeitarem as medidas de proteção contra o Covid 19, ela ressalta que a dinâmica desencadeia outras crises devido à desigualdade social colocando em questão a ordem instituída. Em direção semelhante, Valencio (2020) indaga e critica a falta de olhar para grupos e classes desfavorecidas,

onde especialistas que estão no conforto de sua casa, como classes mais privilegiadas, realizam recomendações. Ela diz que:

Especialistas advertem do à parte, sobre a necessidade de isolamento dentro de casa a membro do grupo familiar com suspeitas de contágio, recomendam que fique num cômodo uso exclusivo de um toilette ou que seja o último a fazê-lo, no final do dia, higienizando-o para a segurança dos demais. Desconsidera-se, de cima a baixo, as características socioespaciais de moradias em aglomerados urbanos subnormais para além daquela paisagem construtiva desoladora visualizada à distância. Lá, moradias de menos de 50m² são altamente adensadas, cujos membros se esbarram o tempo todo, ainda mais devido ao confinamento que se lhes foi imposto; são obrigados a compartilhar de talheres a copos, de banheiros a telefones; o sofá velho, no qual todos se sentam para assistir à televisão, é também a cama de um ou mais membros do grupo domiciliar; o banheiro precário é utilizado constantemente e indivíduos com suspeita de contágio podem ter episódios de diarreia que não lhes permite esperar serem os últimos a utilizar o sanitário; por fim, sequer o provimento ao material para a sua higienização pessoal e a higienização do local é regular e suficiente naquelas circunstâncias críticas (Valencio, 2020, p. 63).

De acordo com Valencio (2020), além das medidas de isolamento, as demais medidas de contenção do Covid-19, como lavar as mãos frequentemente com água e sabão, utilizar álcool em gel, não pegar ônibus etc., estão distantes da realidade do contexto social de milhões de famílias que não têm acesso à água potável, não possuem capital financeiro para manter os itens necessários de higiene, ou mesmo de se manterem em casa sem trabalhar. Ou seja, para muitos desses indivíduos, eles já se consideram mortos, alguns pelo vírus, outros pelas demais crises que se instaura devida a toda essa situação.

Com tudo, entende-se que a crítica de Valencio (2020) está diretamente relacionada ao Estado e a importância do olhar humano para todas as classes sociais. As medidas citadas pelos especialistas são necessárias, eficientes e devem ser seguidas, porém, é necessário um apoio do estado para os grupos desfavorecidos, como a ampliação do auxílio emergencial, distribuição de máscaras, álcool em gel, produtos de limpeza, aumento de quantidades de ônibus para locomoção de trabalhadores, entre outros. Conforme Bittencourt (2020) ressalta, o Estado tem papel fundamental e deve intervir, de modo a prestar assistência social aos mais vulneráveis (Bittencourt, 2020).

De acordo com Aquino et al. (2020), um estudo feito na região metropolitana de São de Paulo para estimar o efeito do isolamento social, demonstrou que:

Sem a adoção das medidas de distanciamento social, a capacidade de UTIs para COVID-19 seria superada em 130% no primeiro mês e em 14 vezes no segundo mês. Também sugeriu que o conjunto das medidas de distanciamento social implementados (e sua manutenção no presente momento) poderá evitar a sobrecarga do sistema de saúde (mantendo a ocupação em 76%) e a morte de quase 90 mil pessoas ao longo da epidemia (Aquino *et al.*, 2020).

O resultado deste comprova a importância das medidas de isolamento para evitar um colapso na saúde e maior índice de mortes (Aquino *et al.*, 2020).

3.2 Isolamento social e suas condicionantes na saúde mental

Entende-se que, nesse contexto de restrição do contato social, em razão da pandemia causada pelo coronavírus, a dificuldade econômica é generalizada, o ambiente familiar encontra-se fragilizado pelo acesso insuficiente aos itens básicos, causando diversos impactos negativos à saúde mental das pessoas, sendo um fator considerável de adoecimento mental. As restrições e medidas que limitam o acesso e acompanhamento de parentes aos doentes em estado de internalização e risco de morte, e que interferem no ritual de despedidas de um ente vítima da doença tornam o período de dor e sofrimento ainda mais intenso (Garrido & Rodrigues, 2020).

Garrido e Rodrigues (2020) criticam a atuação de alguns líderes nacionais a respeito de credibilidade em transparências da situação de pandemia em que vivemos. Segundo os autores, é necessário que os líderes políticos estejam amparem suas decisões nas comunidades científicas, para que não se reverbere na população um quadro de incerteza, desconfiança, medo e raiva. Destacam que, enquanto outros governadores nacionais foram urgentes em suas ações, líder executivo do Brasil acabou por não definir estratégias amparadas na ciência, se apresentando de modo radical contra medidas de isolamento, e atacando decretos estabelecidos por governadores dos estados (Garrido & Rodrigues, 2020).

Por fim, ainda na perspectiva dos autores Garrido e Rodrigues (2020), ficou evidente que a pandemia não só distanciou as pessoas, mas intensificou a distância preexistente para aqueles mais vulneráveis, agravando as condicionantes sociais de saúde, sendo importante atentar para esses impactos negativos sobre a saúde individual e não só biológica (Garrido & Rodrigues, 2020).

4. PANDEMIA E VIDA ESCOLAR

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) relatou, em 18 de março de 2020, que pelo menos 85 países fecharam parcial ou totalmente as atividades presenciais nas escolas, a fim de tentar conter o avanço da Covid-19. Estima-se que tais ações geraram um impacto negativo em mais de 776,7 milhões de crianças e jovens estudantes, razão pela qual fez com que a organização viesse apoiar o ensino à distância como forma de resguardar a todos, especialmente os mais vulneráveis (Agência Brasil, 2020).

Diante deste impasse, 73 países, entre eles o Brasil, debateram em evento virtual realizado no mês de março de 2020 maneiras de se buscar por soluções para que a educação à distância seja oferecida de uma forma inclusiva, de forma a disponibilizar recursos digitais, sem que se tenha grandes custos (Agência Brasil, 2020). Nota-se, portanto, que, de forma repentina, as escolas foram obrigadas a alterar os seus procedimentos de ensino e incluir metodologias de ensino remoto a fim de manter a continuidade do ano letivo (UNICEF, 2020).

O novo cenário mostra-se desafiador, uma vez que a pesquisa TIC Educação 2019, divulgada em 9 de junho de 2020, revelou que 39% dos estudantes de escolas públicas urbanas não têm computador ou tablet em casa. Nas escolas particulares, o índice é de 9% (UNICEF, 2020). Assim, sem o devido acesso a computadores e conexão à internet, pode-se inferir que existe considerável número de estudantes, sobretudo de escolas públicas, que têm dificuldade para acessar os conteúdos online, que têm substituído naturalmente as aulas presenciais (UNICEF, 2020).

Além das dificuldades anteriormente mencionadas, um dos motivos de preocupação frente à nova fase de constante digitalização é o fato de a digitalização eliminar a realidade. Morgado *et al.* (2020) refletem que, mediante as alterações nas práticas pedagógicas, condicionadas pelo momento de ausência física, a digitalização levanta questões importantes, o que sugere a necessidade de pensar um tipo de currículo pedagógico que não se distancie da realidade e desenvolvimento dos alunos em formação.

4.1 Impactos da pandemia na vida do alunos

Uma pesquisa que analisou quais as percepções de estudantes do ensino médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus, envolvendo um total de 118 estudantes do município de Querência/MT,

revelou que as condições de acesso e aprendizagem não são equivalentes para os estudantes de ensino público e privado e que o ensino remoto é avaliado de modo distinto por estudantes dessas duas redes de ensino (Médici *et al.*, 2020).

Alguns dos resultados apresentados pela pesquisa revelam claros indícios da desigualdade social, uma vez que na escola pública somente 39 estudantes (38,6%) afirmaram ter acesso à internet de boa qualidade em suas residências. Já outros 41 estudantes (40,6%) mencionaram que possuem acesso à internet, mas que a qualidade da mesma é regular; 10 estudantes (18,8%) afirmaram ter acesso, mas de qualidade ruim, e outros 02 estudantes da escola pública (2%) disseram não possuir internet em casa. Existe uma perceptível disparidade da realidade dos estudantes da escola privada, pois mais da metade (53,6%) afirmou possuir internet de boa qualidade instalada em casa, e o restante (46,4%) afirmou ter acesso com qualidade regular (Médici *et al.*, 2020). Destaca-se, portanto, um fato preocupante, considerando que mais de 20% dos estudantes da escola pública apresentam dificuldades de acesso à internet, problema esse que não se nota com os estudantes da escola privada (Médici *et al.*, 2020).

Outro importante dado a ser destacado é que a maioria dos estudantes da escola pública avaliam a qualidade do ensino como regular (39 estudantes, o que corresponde a 38,6%) ou ruim (19 estudantes, 18,8%). Outros 13 (12,3%) percebem como péssimo, enquanto que apenas 08 (7,6%) estudantes consideram excelente a qualidade do ensino que estão recebendo. O resultado é outro quando comparado com a escola privada, pois a maior parte dos estudantes (61,5%) consideram boa a qualidade do ensino que estão recebendo nesse período (Médici *et al.*, 2020).

Diante destes dados, os autores nos levam a questionar se porventura não estamos violando um direito constitucional assegurado no artigo 205, que coloca a educação como um direito fundamental para todos (BRASIL, 1988 *apud* Médici *et al.*, 2020, p. 10). Afinal, as medidas que estão sendo implementadas neste período pandêmico, poderão certamente aprofundar o cenário de exclusão e segregação, acabando por gerar um aumento no índice de desigualdades.

Quando o olhar é direcionado para os impactos na vida do aluno, segundo Melo (2020), um aspecto importante é a desigualdade social, particularmente falando das redes públicas de ensino, que na sua maioria são formadas por famílias carentes que, nesse contexto de pandemia, são muitas vezes marcadas por desemprego e por ausência de

renda. Os dados sistematizados pela Pesquisa Nacional por Amostra e Domicílios (PNAD) demonstraram que a medida restritiva do distanciamento social, afetará nas condições financeiras e, como consequência, na possibilidade de muitas famílias manterem acesso à internet (Arruda, 2020 *apud* Melo, 2020).

Vale ressaltar que algumas medidas alternativas encontradas pelas instituições de ensino público, como a garantia de acesso ao material didático, não garantem qualidade ao ensino. Como exemplo, uma rede municipal de ensino de Ipameri, Goiás, adotou a entrega impressa de atividades a serem desenvolvidas para aqueles alunos que não possuem acesso à internet, garantindo que tais atividades chegassem até mesmo na zona rural. Contudo, tal metodologia não garante por vezes uma comunicação efetiva entre professores e alunos, o que acaba por levar aos pais a adotarem o protagonismo no ensino, função para a qual, muitos não se sentem preparados (Melo, 2020).

Outro aspecto de extrema importância é a evasão escolar. Segundo Possa *et al.*, (2020), o Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), ligado à Secretaria Nacional da Juventude, órgão integrante do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), fez uma pesquisa elaborada juntamente com outras organizações parceiras, a fim de avaliar a repercussão de evasão escolar entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. Neste estudo, constatou-se que 29% destes jovens já pensaram em não voltar para a escola após o fim do isolamento social (Possa *et al.*, 2020). O retorno com as respostas destes jovens entrevistados revela a necessidade de desenvolvimento de novas políticas públicas que permitam o enfrentamento deste problema.

Um outro estudo que contou com a participação de 977 estudantes do ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), entre os dias 21 de março e 12 de abril 2020, a fim de se entender a percepção quanto ao isolamento social, a adoção do ensino remoto e a mudança na satisfação com a vida desses estudantes. Verificou o sentimento de queda de produtividade entre os alunos, aliado a uma insatisfação dos respondentes com as atividades ofertadas (Vieira *et al.*, 2020).

Além dos estudantes de ensino médio e superior, de acordo com Lins (2020), crianças de ensino fundamental também foram impactadas de alguma forma. A ausência da vida escolar afeta a criança em diversos âmbitos de sua vida: cognitivo, social, moral e afetivo.

Diante dos dados realizados, podemos inferir que tanto alunos do ensino básico como alunos do ensino superior estão com grandes desafios frente à realidade deste contexto pandêmico, flertando com a evasão.

4.2 Impactos da pandemia na vida do professores

De acordo com Barros e Vieira (2020) e Peres (2020), houve muitos desafios para os docentes, uma vez que os mesmos não foram preparados em sua formação como professores, quer seja na graduação ou pós-graduação, para lidar com as diversas tecnologias e plataformas de ensino remoto, que se fez necessário frente à pandemia.

Peres (2020) afirma que os docentes, em seus cursos de licenciatura, não foram preparados para as aulas virtuais. Barros e Vieira (2020) cita um estudo realizado por Araújo *et al.* (2020) que corrobora a conclusão de Peres, o qual destacou que houve uma ausência de formação pedagógica sobre tecnologia e recursos educacionais aplicados ao ensino. Este estudo mostra que 68,2% dos professores participantes não tiveram uma formação adequada que contemplasse essas demandas.

Os autores apresentaram que quase 60% dos entrevistados não conheciam as plataformas que estão sendo utilizadas com certa frequência em salas de aula, aplicativos como Google Classroom, Google Meet e Zoom, os quais permitem a interação dos professores com seus alunos por meio de atividades simultâneas (Araújo et al., 2020 apud Barros & Vieira, 2020). Em direção semelhante, Melo (2020) destaca que as mudanças não foram feitas de modo gradual, mas sim de maneira abrupta. De um momento para o outro, os professores tiveram que substituir práticas de ensino tradicionais, tais como utilização de quadro de giz ou pincel e projeção de slides, para ter que organizar as aulas com outro recurso e metodologia a ser ministrada, como por exemplo efetivação de gravações de aulas, interação com os discentes e instrução aos pais de forma online, sendo que nem eles próprios tinham total domínio das plataformas virtuais. Segundo o autor, houve uma falha por parte dos governos em não qualificar os professores frente às novas estratégias de ensino a serem desenvolvidas.

Ao analisar o contexto de despreparo dos professores em relação às tecnologias, Melo (2020) chama atenção para as questões afetivas:

As questões afetivas também são importantes nesse contexto, sendo essencial entender que, dentro de um contexto de pandemia, educar remotamente não se restringe apenas ao acesso tecnológico, segundo Arruda (2020, p. 266) “precisa envolver a complexidade representada

por docentes confinados, que possuem famílias e que também se encontram em condições de fragilidades em suas atividades. O ineditismo leva a ações que precisam envolver toda a complexidade da qual faz parte (Melo, 2020, p. 16).

De acordo com Melo (2020), temos que lembrar que os professores também têm outras atividades e muitos precisam conciliar família e trabalho numa rotina de casa, gerando ansiedade e culpabilidade pelo fracasso na qualidade do ensino. Isso exemplifica a dificuldade enfrentada pelos docentes para conciliar o seu trabalho e a dinâmica familiar dentro do mesmo espaço físico: o educador precisa preparar as suas aulas e ainda manter um cuidado com sua família que segue com sua dinâmica no mesmo espaço do educador (Melo, 2020).

Em direção semelhante, alguns autores apontam que mudanças recentes no trabalho, causaram perda de direitos e que, na pandemia, têm ocasionando maior adoecimento aos professores. A crise vivida atualmente expõe a exploração dos trabalhadores, vivenciada pelos professores com o trabalho remoto e intensificando a mercantilização da educação. Além disso, outras decisões tomadas pelo MEC impactam negativamente na qualidade do ensino, por diversos motivos: inabilidade dos professores em lidarem com as novas tecnologias digitais, desigualdade de apropriação às informações e alto número de estudantes não terem acesso às aulas por falta de equipamentos e internet (Melo, 2020).

Mendonça *et al.* (2020) descrevem diversos sentimentos e sensações vivenciadas nesse contexto, como angústia com relação ao ambiente virtual de aprendizagem, desespero, raiva, falta de rumo, sensação de impotência e inércia pelas incertezas. As autoras ressaltam também que as plataformas são de grande ajuda, porém, os professores enfrentam diversos problemas para se adequar, além dos próprios alunos e pais. Os estudantes precisam responsabilizar-se com os acompanhamentos das aulas, e os pais ou responsáveis tendo que dar suporte aos filhos no uso da internet, tarefas essas que excedem as condições usuais da maioria deles, já que “As propostas apresentadas não são acessíveis à realidade social de muitas das crianças da escola pública” (Mendonça *et al.*, 2020, p. 36).

Diante desse cenário, entende-se as principais dificuldades apresentadas pelos professores e seus sentimentos frente a tal situação, o que permite a identificação de possíveis impactos psicossociais e na saúde mental desses trabalhadores e alunos.

5. PANDEMIA E SAÚDE MENTAL

A COVID-19 é sem dúvidas a maior emergência de saúde pública que a comunidade internacional enfrenta há décadas. Para além das preocupações físicas, a pandemia traz consigo apreensões quanto ao sofrimento psicológico que pode ser experienciado pela população de uma forma geral e pelos profissionais da saúde pública que estão diretamente envolvidos (Schmidt *et al.*, 2020). Desse modo, faz-se necessário dar a devida atenção às demandas psicológicas que tendem a surgir em momentos e contextos como este (epidemias), uma vez que pesquisas têm sugerido que o medo quanto a infecção do vírus potencialmente fatal, de rápida disseminação, tende a afetar o bem-estar psicológico de muitas pessoas (Carvalho *et al.*, 2020).

O medo em si cumpre com importante função, em um sentido de adaptação; é uma resposta fundamental frente a necessidade de sobrevivência que envolve processos biológicos que visam dar respostas a situações/eventos ameaçadores. Entretanto, quando é desproporcional ou crônico, pode ser prejudicial, podendo acarretar ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (Garcia, 2017 apud Ornell, 2020). Em contexto como o de pandemia, o medo tende a aumentar os quadros de ansiedade e estresse em pessoas que são tidas como mais saudáveis e acaba por acentuar os sintomas daqueles que já possuem transtornos psiquiátricos (Shigemura, 2020 apud Ornell, 2020).

O contexto atual, de acesso às ferramentas tecnológicas tem expandido a comunicação, permitindo assim a chegada de inúmeras informações que se entende ser polêmicas, inconsistentes ou inverídicas, que não são benéficas à população de modo geral, podendo assim aumentar os níveis de raiva, ansiedade e comportamento agressivo (Wang, 2019 apud Ornell, 2020).

5.1 Isolamento social e impacto na saúde mental da população

O isolamento social foi uma medida necessária como forma de combate da pandemia da covid 19. Tal medida levou ao fechamento de escolas e universidades, e de alguns outros segmentos, a fim de aplicar o devido distanciamento social, para uma não contaminação. A quarentena acabou por diminuir as conexões face a face e das interações sociais mais rotineiras, tornando-se um fator estressor dentro deste período (Brooks et al., 2020 apud Faro, 2020)

Afonso e Figueira (2020, p. 1) ressaltam que o “isolamento social é importante para proteger a nossa saúde física, impedindo o contágio pelo vírus”, por outro lado, quanto mais tempo a população ficar em isolamento social, maiores serão as chances de surgimento de distúrbios psiquiátricos. Em direção semelhante, Danzmann, Silva e Guazina (2020) destacam que o isolamento pode acarretar em respostas psíquicas como tristeza, estresse e desamparo, além de propiciar o aumento do nível de cortisol, que pode vir ocasionar sintomas de depressão, ansiedade e problemas na memória, o que compromete a saúde mental do indivíduo isolado.

No Brasil, foi realizado um estudo pelos autores Carvalho *et al.* (2020) de formação acadêmica nas Universidade Federal do Piauí e Cristo Faculdade do Piauí, que teve como objetivo analisar o impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia da Covid-19. Participaram da pesquisa 73 pessoas maiores de 18 anos; sendo 68,5% do sexo feminino e 31,5% do sexo masculino. A aplicação da pesquisa foi feita de forma individual on-line. Apesar de ser um estudo com uma parcela baixa de amostragem como bem destaca os pesquisadores, tal trabalho constatou que estamos em um momento desafiador e que está gerando grande impacto na saúde física e mental das pessoas, uma vez que as pessoas tiveram que se distanciar de seus ciclos, o que gerou medo, solidão, incertezas e até problemas de depressão, ansiedade e estresse (Carvalho *et al.*, 2020).

Um outro estudo internacional aponta na direção de que pacientes que tenham sido infectados com a covid-19, ou que tenham suspeita da infecção, podem acabar desenvolvendo intensas reações emocionais e comportamentais, como um medo acentuado e que a quarentena pode levar indivíduos a sentir tédio, solidão e raiva. Na fase tida como mais inicial dessa pandemia, uma série de transtornos foram constatados, incluindo ansiedade (ataques de pânico e estresse pós-traumático), depressão persistente, transtornos psicóticos ou paranóides, que levaram a casos específicos de tentativa e até mesmo suicídio foram relatados (Xiang *et al.*, 2020 apud Ornell *et al.*, 2020).

Agregado a este contexto, Silva, Santos e Oliveira (2020) ressaltam a importância do olhar atento para os efeitos psicológicos em relação à privação abrupta da liberdade dos indivíduos que se encontram em quarentena, visto que o sofrimento psicológico tende a ser maior, pois abster-se de forma repentina da rotina e de atividades prazerosas pode ser um grande desafio para a efetivação das medidas de prevenção de riscos, mesmo que a curto prazo. Pois, devido à ansiedade de não saber lidar com algo

novo e tão repentino, os indivíduos ficam vulneráveis e mais propícios ao descumprimento e dificuldades no manejo correto de prevenção acarretando consequências como a exposição ao vírus de contágio transmissão.

De acordo com Brooks *et al.* (2020) apud Faro *et al.* (2020), é importante ressaltar que as sequelas de uma pandemia são maiores do que o número de mortes, sendo essencial apresentar uma noção de emergência do cuidado em saúde mental. Os autores abordam a necessidade de entender como se apresenta uma crise em termos de estágios de evolução do problema de saúde pública, sendo importante o preparo de profissionais de saúde e a população em geral. É necessário implementar estratégias de controle e de alerta à população sobre riscos imediatos e contínuos, adotando medidas preventivas como a redução de ambiguidades das informações que podem gerar sintomas relacionados à ansiedade e estresse.

A pandemia poderá acarretar uma série de efeitos para a saúde mental de médicos e profissionais de saúde que estão na linha de frente do tratamento da doença. Afonso e Figueira (2020) apontam que a Síndrome de Burnout é um risco devido às longas horas de trabalhos ininterruptos e pela pressão observada nos serviços de urgência, unidades de cuidados intensivos e nas demais estruturas dedicadas a atender os pacientes infectados com covid-19.

Além da síndrome de Burnout, Danzmann, Silva & Guazina (2020) apontam que, para os profissionais da saúde, o medo do contágio ou de transmitir a covid-19 para seus familiares, amigos e colegas seria um fator estressores. Portanto, estudos demonstram que grande número de profissionais que trabalharam em unidades de atendimento da covid 19 e hospitais relataram depressão, ansiedade, medo e frustração (Danzmann, Silva & Guazina, 2020).

6. PANDEMIA E VIDA FAMILIAR

Diante do estado de emergência decorrente da pandemia da COVID-19, o distanciamento social como modo de combate para uma não disseminação do vírus foi proposto de forma constante por governantes e órgãos sanitários. Diante deste contexto de isolamento em domicílio, houve uma conseqüente alteração na dinâmica familiar, seja nas rotinas ou nas relações familiares, favorecendo o aumento de conflitos e até casos de violência doméstica (ONU Mulheres Brasil, 2020).

Guedes (2020) apresenta uma crítica em relação à dinâmica familiar na atualidade, que pode explicar em parte o motivo de tais conflitos. O autor entende que a experiência subjetiva da família (de modo mais amplo) tornou-se pouco a pouco dispersa e superficial. Destaca que, antes da pandemia, era comum que os pais se ausentassem devido ao trabalho, de uma interação mais próxima com seus filhos, uma vez que estes já tinham se acostumado com as rotinas planejadas dos filhos. As crianças, segundo o mesmo, estavam ambientadas com a questão de contar com os colegas para apoio emocional. Para Guedes (2020), diante da realidade anterior (ausência física maior por parte dos membros da família), alguns agora se viram forçados a encarar a realidade de estarem passando por períodos mais longos de interação. Essa realidade está se mostrando desafiadora, haja vista que alguns destes estão tendo que passar por esta “reconexão”. O modo como alguns estão lidando com isso, na visão do autor, não se mostra como alternativas muito eficazes. Alguns estão usando a tecnologia como aliada para entreter ou suprir as demandas de seus filhos, mas tais estratégias têm se mostrado por vezes problemáticas, uma vez que podem gerar um estímulo para um uso excessivo de internet que nada ajuda para uma regulação emocional. Podemos entender que a nova dinâmica das famílias tem exigido um esforço maior, pois os pais ou cuidadores de crianças e adolescentes têm que equilibrar trabalho remoto, trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Assim, para Guedes (2020), a família está enfrentando uma desorganização, algumas vezes associadas às rotinas novas impostas, outras por questões de desequilíbrios financeiros, bem como devido a perdas de entes queridos.

Heilborn et al. (2020) apresentam um outro desafio vivenciado pela família: a necessidade de se organizar para cuidar daqueles que estão mais velhos (idosos), que naturalmente precisam de auxílio. As autoras destacam que o isolamento social acarretou em uma ausência de auxiliares domésticos, prestadores de serviços de todos os tipos, o que acabou por intensificar os cuidados dos familiares que por vezes não lidavam com um suporte direto. Assim, devido à ausência destes profissionais nas casas, que foram impedidos de locomoção frente ao isolamento social, os familiares passaram a ter que gerir determinadas atividades que antes não se encontrava sobre sua demanda direta, tais como a administração de medicamentos e higiene pessoal, bem como de administração de uma dieta alimentar. Diante disso, é comum que se materialize situações desgastantes que levam ao estresse por conta da cobrança e responsabilidade de cada familiar no que diz respeito à execução dos cuidados familiares (Heilborn et al., 2020).

Pensando nos desafios dessa nova configuração familiar, o Ministério da Saúde (2020) através da Fiocruz, elaborou uma cartilha com algumas orientações de como organizar o tempo, elaborar atividades juntos e fazer atividades tanto com crianças, como com idosos. Quanto à organização do tempo da família, a cartilha orienta os pais a se atentarem em suas demandas profissionais, informando aos membros da família os seus horários, estabelecendo metas e registrando o seu próprio desempenho. A cartilha estimula os pais a procurarem desenvolver uma rotina de estudos para crianças, lembrando-as de que este não é um momento de férias. Com relação à dinâmica familiar, a cartilha estimula o casal a ter momentos a sós, mas também momentos com as crianças, em determinadas atividades conjuntas, seja assistir filmes, cantar, ler, praticar exercício físico em casa, entre outras atividades possíveis que possam gerar proximidade e um ambiente de afetividade. Segundo a cartilha, tais atividades seriam maneiras de se buscar evitar ansiedades e angústias (Fiocruz, 2020).

Além de cartilhas, a estratégia de saúde da família (ESF), serviço do Ministério da saúde que visa a captação de pessoas e desenvolvimento de ações integras e resolutivas na saúde local, tem realizado orientações sobre o uso adequado de máscaras, a higienização pessoal, educação a saúde, busca de novos casos e monitoramento domiciliar a cada 48 horas em casos que os pacientes precisam de ficar isolados em casa, além de visita de médicos e enfermeiros caso precise (Japiassu & Rached, 2020).

A Pandemia da COVID-19 gerou preocupações reais quanto aos casos de violência doméstica. Marques et al. (2020) destacam que as medidas restritivas como maneira de combater a pandemia intensificaram riscos reais de violência contra as mulheres. De fato, os dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH) demonstram um aumento médio de 14,1% de denúncias de violência, no canal ligue 180, durante os quatro primeiros meses de pandemia, em comparação com os mesmos meses do ano anterior (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020).

Marques et al. (2020) citam alguns pontos fundamentais que podemos realizar para lidar com tal situação de violência, entre estes estão: a utilização de canais de pronto atendimento, tais como: 180 para mulheres vítimas de violência, com funcionamento ágil perante as denúncias dos serviços de proteção; o disque 100 que se concentra em lidar com casos de violação aos direitos humanos; o 190 para casos de urgências policiais.

7. CONCLUSÃO

Com base nas referências analisadas, percebe-se que a pandemia está gerando diversos impactos na sociedade e na vida daqueles que vivenciam tal situação. No âmbito social, as restrições das medidas protetivas como o isolamento social, o fechamento de comércios, escolas e shoppings, o que acarretou em diversas inseguranças e dúvidas no âmbito econômico (Pereira et al., 2020).

Em contrapartida, a pandemia também gerou angústias àqueles que precisaram trabalhar presencialmente, porque não foram liberados para atividades home office. Ainda que receosos quanto à exposição ao vírus, muitos acabaram por pegar o ônibus cheio e se exporem à possibilidade de contágio (Valencio, 2020). Diante das incertezas e receios, podemos verificar que existe a necessidade de se entender as especificidades da população como um todo, em especial das pessoas mais carentes, para que exista políticas públicas que visem amparar, apoiar estes neste contexto difícil.

No âmbito escolar os desafios são grandes, principalmente quando se trata de ensino para crianças. As escolas estão tentando se adequar a uma nova realidade, porém, é notória a existência de uma perda grande entre a construção de vínculo entre criança e professores. A realidade demonstra que existem crianças que têm dificuldades de ficar muito tempo sentadas em frente ao computador, que muitos professores não dominavam as plataformas de ensino e as tecnologias relacionadas e que um número considerável de alunos também não tinha acesso à internet e computadores (Peres, 2020; Barros e Vieira, 2020; Médici et al., 2020). Muitos pais ou responsáveis pelos alunos, por sua vez, tiveram uma realidade de maior acompanhamento para com as crianças, já outros, infelizmente, tal acompanhamento se tornou inviável para os mesmos, devido ao volume de atividades, como trabalho, afazeres de casa etc. (Mendonça et al., 2020; Guedes, 2020).

No âmbito familiar, a nova realidade acabou por mudar boa parte da rotina dos familiares, o que acabou por gerar tensões familiares (Heilborn et al., 2020). De acordo com as pesquisas realizadas, a violência doméstica se apresenta como um fator de atenção a ser dada, neste período em que os familiares se relacionam de modo mais frequente dentro do ambiente domiciliar (ONU Mulheres Brasil, 2020). Medidas de atenção psicossocial podem e devem ser constantemente incentivadas, a fim de se cuidar não apenas da saúde física dos membros da família, mas também da saúde psicológica.

No ambiente da saúde mental, o isolamento social e suas mudanças abruptas como consequência de tais medidas, as falsas notícias que provocavam medo, o desafio econômico instalado, as tensões familiares em alguns casos, entre outros, foram fatores que serviram para despertar muitos sentimentos de medo, solidão, tédio, depressão, ansiedade, estresse, etc. (OPAS, 2020; Malta et al., 2020; Ornell et al., 2020; Xiang et al., 2020). Portanto, compreender as reverberações na saúde mental e o sofrimento dos que estão inseridos pode ajudar profissionais da saúde a melhor elaborar medidas protetivas, de ações futuras.

Diante de tantos impactos causados pela pandemia e as estratégias para redução do contágio como isolamento social, o psicólogo tem um papel fundamental de oferecer suporte e apoio aos indivíduos psiquicamente afetados (Danzmann, Silva & Guazina, 2020).

Pensando na nova demanda que se apresenta, a Resolução CFP nº 4/2020 que foi publicada no Brasil, em 26 de março de 2020, passou a incentivar a prestação de serviços psicológicos por meios de tecnologia da informação e da comunicação após realização do “Cadastro e-Psi”, diante do cenário presente (pandemia). Deste modo, logo após o cadastro, o psicólogo pode iniciar o trabalho de modo remoto, não se tornando necessário aguardar a emissão de parecer para se iniciar o atendimento (CFP 2020).

Deste modo, as atuações da psicologia podem ser de efetivação da psicoterapia no apoio ao enfrentamento da ansiedade, depressão, angústia, Burnout, entre outros. O psicoterapeuta pode auxiliar frente às demandas de tensões familiares, frente às dificuldades de se organizar a rotina, frente a necessidade elaboração do luto, entre outros sintomas e situações ressaltadas ao longo deste estudo.

Além da psicoterapia, Danzmann, Silva e Guazina (2020) abordam a atuação da Psicologia hospitalar, destaca que, devido ao cenário da Covid-19, os atendimentos têm se concentrado aos profissionais de saúde, aos pacientes e aos familiares. Como existem altos índices de mortes de pessoas com diversas idades, tem se exigido maior cuidado físico e psíquico desses profissionais da saúde.

Aos familiares e pacientes, o trabalho do psicólogo hospitalar tem visado minimizar a distância e a falta de contato entre amigos e familiares, junto à equipe de saúde, fornece informações por telefone e tenta promover visitas virtuais na medida do possível (Danzmann, Silva e Guazina, 2020).

No tocante ao estudo realizado, o presente trabalho teve como um importante propósito, descrever de forma clara e objetiva alguns dos desafios deste período pandêmico e seus desdobramentos em diferentes contextos do cenário atual. É importante destacar que existem alguns limites de verificação, o que acaba por ser a apresentação de apenas uma parte deste cenário que é muito mais amplo. Entretanto, mesmo com tais limitações, tal estudo visa promover uma análise importante da trajetória de impactos pandêmicos, que seja de fácil entendimento aos leitores. Espera-se que os dados estatísticos apresentados e as discussões realizadas ao longo dessa revisão possam servir como um meio de amparar também profissionais de informações quanto às repercussões da COVID 19, a fim de se prestar um serviço mais contextualizado e, por consequência, mais assertivo e empático.

8. BIBLIOGRAFIA

Afonso, P., & Figueira, L. (2020). Pandemia COVID-19: Quais são os Riscos para a Saúde Mental? *Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental*, 6(1), 2-3.

Agência Brasil (2020, 17 de março). Unesco: Covid-19 deixa mais de 776 milhões de alunos fora da escola. ONU News. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/unesco-covid-19-deixa-mais-de-776-milhoes-de-alunos-fora-da-escola>

Agência Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística notícias (2021, 28 de abril). Desemprego recua para 13,9% no 4º tri, mas taxa média do ano é a maior desde 2012. Alerrandre Barros. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30130-desemprego-recua-para-13-9-no-quarto-trimestre-mas-e-o-maior-para-o-ano-desde-2012>

Aquino, E. M. L., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Filho, J. A. S., Rocha, A. S., Ferreira, A., Victor, A., Teixeira, C., Machado, D. B., Paixão, E., Alves, F. J. O., Pilecco, F, Menezes, G., Gabrielli, L., Leite, L., Almeida, M. C. C., Ortelan, N., Fernandes, Q. H. R. F., Ortiz, R. J. F., Palmeira, R. N., Junior, E. P. P., Aragão, E., Souza, L. E. P. F., Netto, M. B., Teixeira, M. G., Barreto, M. L., Ichihara, M, Y., & Lima, R. T. R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2423-2446.

Barros, F. C., & Vieira, D. A. P. (2021). Os desafios da educação no período de pandemia. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 826-849.

Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2411-2422. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>

Bittencourt, R. N. (2020). Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico*, 19(221), 168-178.

Carvalho, L. S., Silva, M. V. S. S., Costa, T. S., Oliveira, T. E. L., & Oliveira, G. A. L. (2020). O impacto do isolamento social na vida das pessoas no período da pandemia COVID-19. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-14.

Conselho Federal de Psicologia (2020, 30 de março). Nova Resolução do CFP orienta categoria sobre atendimento on-line durante pandemia da Covid-19.CFP. <https://site.cfp.org.br/nova-resolucao-do-cfp-orienta-categoria-sobre-atendimento-on-line-durante-pandemia-da-covid-19/>

Conti, A. A. (2020) Destaques históricos e metodológicos das medidas de quarentena: de antigas epidemias de peste à atual pandemia de doença por coronavírus (COVID-19). *Acta Biomed.*, 91(2),226-229.

Danzmann, P. S., Silva, A. C. P, & Guazina F. M. N. (2020). Atuação do psicólogo na saúde mental da população diante da pandemia. *J. nurs. health*, 10(1),1-14.

Faro, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C., Silva, B. F. P., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, 37(1),1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>

Fundação Oswaldo Cruz: Uma Intuição a Serviço da Vida (2021). Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>

Garrido, R. G., & Rodrigues, R. C. (2020). Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. *Revista de saúde e ciências Biológicas J. Health Biol Sci.*,8(1),1-9.

Governo Federal, Ministério da mulher, da família e do direito humano (2020, 15 de Maio). Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020>

Guedes, D. D. (2020). O impacto do COVID-19 em famílias e o excesso como objeto pulsional. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(3), 388-397.

Heilborn, M. L. A., Peixoto, C. E., E., & Barros, M. M. L. (2020). Tensões Familiares Em Tempos De Pandemia E Confinamento: Cuidadoras Familiares. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 30(2),1-8.

Houvessou, G. M., Souza, T. P., & Silveira, M. F. (2021). Medidas de contenção de tipo lockdown para prevenção e controle da COVID-19: estudo ecológico descritivo, com dados da África do Sul, Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália e Nova Zelândia, fevereiro a agosto de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(1), 1-12. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000100025>

Japiassu, B. R., & Rached, C. D. A. (2020). Como a Estratégia de Saúde da Família pode ser considerada ferramenta de apoio no combate ao COVID-19? *Ciência da Saúde*, 1(1).

Lins, M. J. S. D. (2020). Limites e Possibilidades da Aprendizagem de Crianças na Pandemia Políticas de educação, internacionalização e formação de professores. *Revista Eletrônica Pesquisaeduca*, 12(28), 555-569.

Malta, D.C., Gomes, C. S., Szwarcwald, C. L., Azevedo, M. B. D., Silva, B. A. G. D., Prates, E. J. S., Machado, I. E., Júnior, P.R. B. D. S., Romero, D. E., Lima, M.G.L., Damacena, G. N. D., Azevedo, L. O., Pina, M. D. F., & Werneck, A. O. (2020), Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Saúde em debate*, 4, 177-190.

Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. A. (2020). Violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4),1-6.

Médici, M. S., Tatto, E. R., & Leão, M. F. (2020). Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. *Revista Thema*,18, 136-155.

Melo, I. V. D. (2020). As consequências da pandemia (covid-19) na rede municipal de ensino: impactos e desafios, 1, 2423-2446.

Mendonça, L. C., Silva, R. C. S. S., Rossetti, S. S. R., & Archangelo, A. (2020). A educação na pandemia: sobreviveremos? *Linha mestra*, (41a), 35-43.

Ministério da Saúde. (2021). Confirma primeiro caso da doença. Brasil. <https://covid.saude.gov.br/>

Ministério da Saúde, Secretaria de atenção primária à Saúde. (2012) Estratégia saúde da Família.

Morgado, J. C., Sousa, J., & Pacheco, J. A. (2020). *Revista Práxis Educativa*, 15(1), 1-10.

Organização das Nações Unidas das mulheres no Brasil. (2020, 20 de Março). Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf

Organização Pan-Americana da Saúde (2020, 10 de Setembro). Pandemia de COVID-19 aumenta fatores de risco para suicídio <https://www.paho.org/pt/noticias/10-9-2020-pandemia-covid-19-aumenta-fatores-risco-para-suicidio>

Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. (2020). Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*, Ahead of print 2020, 1-7.

Peres, M. R. (2020). Novos desafios da gestão escolar e de sala de aula em tempos de pandemia. *Revista Administração Educacional*, 11(1), 20-31.

Possa, A.A, Santos. B.C., Leal, E. Padre, D., Freitas, E.D.A., Agatti, F.A.S, Silva, G.F.O., Alencar, H., & Alves, M. R. (2020). Iniciativas Comportamentais Para Redução

Da Evasão Escolar Dos Jovens De 15 A 29 Anos Em Tempos De Pandemia. *Boletim economia empírica*,1(4), 125-134.

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Silva, L.N., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*, 37(1), 1-13 <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>

Silva, H. G. N., Santos, L. E. S., & Oliveira, A. K. S. (2020). Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. *J. nurs. health.*,10(1),1-10.

União Nacional dos Conselhos Municipais de educação. (2021). Educação em tempos de pandemia.

Instituto Unibanco. (2020, 21 de Agosto). Dados mostram que 8,7 milhões não tiveram acesso a atividades remotas educacionais em julho. <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/dados-mostram-que-87-milhoes-nao-tiveram-acesso-a-atividades-remotas-educacionais-em-julho/>

Valencio, N. (2020). Por um Triz: ordem social, vida cotidiana e segurança ontológica na crise relacionada à pandemia de COVID-19. *O Social em Questão*, 23(48),53-74. <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5522/552264320002/html/index.html>

Vieira, K. M., Postoglioni, G. F., Donaduzzi, G., Porto, C. S., & Klein. L. L. (2020). Vida de Estudante Durante a Pandemia: Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. *EaD em Foco*,10(3), 1-13.